

LÍRICA E DENÚNCIA SOCIAL EM VIDAS SECAS

Rafael Rubens de Medeiros (IFRN)

rafael.rubens@ifrn.edu.br

*Provavelmente precisamos aprender a cavar fundo
nas camadas soterradas de Vidas Secas
os instantes de humanidade plantados, nas dobras da linguagem artística,
por este matuto extraordinário, o poeta Graciliano Ramos.
(Janildo Andrade)*

“Vidas Secas” é considerada por boa parte da crítica considerada a obra prima de Graciliano Ramos, escritor alagoano pertencente à segunda fase da prosa do Modernismo brasileiro, denominada também de romance de 30 ou corrente regionalista, isto é, a vertente que expressava e/ou denunciava por meio da literatura e da arte a cultura e a realidade político-social da região geográfica da qual fazia parte o conjunto de autores desse período.

Esse romance retrata fiel e profundamente a realidade brasileira não só da década de 30, período correspondente a sua primeira publicação, mas também dos dias de hoje tais como injustiça social, miséria, fome, desigualdade, seca etc, o que dá à obra um caráter de denúncia e registro histórico do contexto em que se desenvolve a narrativa. Construído em terceira pessoa, Vidas Secas não se trata apenas de um relato objetivo e panorâmico da realidade que os nordestinos vivenciavam, mas uma tese sobre o homem e suas relações com o meio na busca incessante pela sobrevivência. Também merece destaque o teor humano e poético que constitui a linguagem nada imparcial em que este livro foi escrito. Tecendo algumas considerações acerca da obra de Graciliano, assim se expressa Antônio Cândido em seu famoso ensaio *Ficção e confissão*:

Vidas Secas talvez seja o mais diferente. É o único escrito na terceira pessoa e o único a não ser organizado em torno de um protagonista absorvente como João Valério em Caetés, Paulo Honório e m São Bernardo, Luiz da Silva em Angústia. E também o único cuja composição não é contínua mas feita de pedaços que poderiam ser lidos isoladamente. Muitos deles foram publicados antes como peças autônomas, e talvez a idéia inicial não tenha sido a de um "romance" (CÂNDIDO, 1992, p. 103)

Sendo o último dos romances de Graciliano (mas não sua última obra, haja vista que Graciliano, após a publicação de Vidas Secas, ainda dedicaria anos da sua vida literária à produção de contos, memórias etc) Vidas Secas parece ser o mais apurado deles em toda sua esfera hermenêutica, isto é, tanto no que diz respeito à temática abordada e os seus horizontes de significação bem como aos vieses estéticos que revestem a obra do início ao fim. Vidas Secas é, por assim dizer um romance construído com paixão e poesia em todo o seu fio narrativo, fruto da sensibilidade e do talento de um autor, que, devido à sua proximidade afetiva e às suas vivências pessoais no solo nordestino, mais parece constituir uma personagem à parte no romance.

É esta novela (Cf. Cândido 1992) considerada a melhor obra escrita por Graciliano Ramos, e talvez por isso muitos estudos já tenham sido desenvolvidos acerca da mesma. Tais estudos geralmente ocupam-se em observar os aspectos político-sociais existentes no romance, as discussões e/ou reflexões que são suscitadas a partir de sua leitura. Este trabalho propõem-se a estudar a obra de Graciliano sob dois prismas de observação: o desenrolar narrativo do livro enquanto instrumento de denúncia de uma realidade oprimida político e socialmente, mas também o lírico e o poético de sua mensagem, tão intensos e transparentes ao longo da narrativa. A extrema simplicidade no apuro das palavras, o olhar humano, compreensivo e sensível do autor para com as personagens e os episódios vivenciados por essas, compõem a substância da dimensão lírica da obra.

No seu famoso ensaio “Valores e misérias das vidas secas”, publicado por volta de 1945, Lins (IN RAMOS 2001) considera o livro *Vidas Secas* um ambiente impregnado de um teor intensamente lírico, em que o autor “de espírito tão pouco poético” chegou a encontrar-se poeticamente para dar um sopro de vida na paisagem árida da terra nordestina. Assim escreve Lins remetendo-se ao romance supracitado:

Além de ser o mais humano e comovente dos livros de ficção do Sr. Graciliano Ramos, *Vidas Secas* é o que tem maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente. O que impulsiona os seres desta novela, o que lhes marca a fisionomia e os caracteres, é o fenômeno da seca. (LINS, In RAMOS 2001, p. 153)

Obviamente Lins (IN RAMOS 2001) percebe (muito embora não esclareça isso) toda a dimensão lírico-poética que está contida sob aquele véu aparentemente áspero do romance de Graciliano, ao afirmar que “em nenhum dos seus livros encontramos tanta beleza e tanta harmonia na construção verbal” (p. 153). *Vidas Secas* é o último dos romances de Graciliano e também o mais regionalista. Fazendo parte do romance de trinta, também chamado de prosa ficcional neo-realista, este livro é composto por treze capítulos que além de seguirem uma perfeita linearidade narrativa, também vem denotar a profunda sensibilidade do seu narrador, bem como atentar para as relações político-sociais da sociedade da época. Uma obra que também se constitui como o instrumento artístico de denúncia social lançado pelo olhar crítico e humanizado de Graciliano Ramos.

Nesse viés, é interessante ressaltar que o romance de trinta, tinha como uma das principais diretrizes do seu projeto literário fazer exatamente a denúncia político-social da realidade nordestina e por extensão brasileira, em outras palavras expor através das entrelinhas do texto a face histórica do contexto da obra literária. A esse respeito, Albuquerque Júnior escreve em sua famosa tese “A invenção do Nordeste e outras artes”:

Seus autores procuram e engajar na luta entre os vários projetos que surgem para a nação neste momento de transição, desde as propostas conservadoras até as revolucionárias. Para isso eles tentam se aproximar do “povo”, adotando temas e formas de expressão de origem popular como forma de denunciar as

condições sociais em que vivia. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 110)

Nesse contexto, é válido dizer que o romance *Vidas Secas* apresenta muitas das características centrais comuns aos romances de 30, que são a verossimilhança, o retrato direto da realidade em seus elementos históricos e sociais, a linearidade narrativa, a tipificação social (indivíduos que representam classes sociais) e a construção ficcional de um mundo que deve dar a idéia de abrangência e totalidade. Características muito semelhantes às do Realismo machadiano, com o acréscimo do regionalismo e das conquistas modernistas de introspecção e liberdade lingüística.

Ao se remeter a essa perspectiva, isto é, ao fato de o texto literário encontrar-se profundamente ligado ao contexto sócio-cultural no qual está inserido. Jobim (2008) afirma que

É sempre muito complicado pretender falar em texto sem falar sobre contexto, já que, entre outras coisas, os próprios sentidos que são atribuídos aos textos implicam um pano de fundo que de certa forma constitui uma visão a partir da qual sua recepção pelo leitor se dará (p. 73)

A relação entre a arte e a realidade é ao mesmo tempo uma questão sutil e evidente quando o que está em pauta é o texto literário. Remetendo a Mikhail Bakhtin (1990) podemos dizer que não se pode opor à arte nenhuma realidade em si, nenhuma realidade neutra. Quando definimos a arte como “ficcional” em relação ao real, tomamos apenas um valor de referência. A realidade criada adquire existência como signo, como valor cultural, como cognição. Assim expressa-se Bakhtin, quando se posiciona sobre o papel da arte e da cultura na sociedade:

Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criador pode e deve permanecer ao nível da simples manifestação, do fato puro da ordem psicológica e histórica; somente uma definição sistemática na unidade semântica da cultura superará o caráter fatual do valor cultural. (p. 15)

Destarte, tendo em mente o conceito apresentado por Lukács (2000) apresentado em seu famoso livro “A teoria do romance”, podemos considerar a obra literária, especialmente no que tange às narrativas, e tomando como exemplo o romance *Vidas Secas*, um suporte veiculador de diversas vozes, ideologias e discursos. Assim escreve ele ao se posicionar acerca da função e das características do gênero romance:

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo

para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência (p.91)

Nesse viés, o romance de trinta, mais especificamente o romance regionalista produzidos por autores nordestinos, vem demarcar algumas fronteiras na literatura brasileira, propondo a discussão acerca da identidade nordestina, elucidando fatos muitas vezes esquecidos pela História e dando ao leitor a possibilidade de se transportar para a realidade de um Nordeste oprimido e massacrado pelas condições naturais do meio. Reportando-se a isso, assim se expressa Albuquerque Júnior (2006):

O “romance de trinta” aborda a partir de enunciados sociológicos, as “várias realidades do Nordeste”, levando à superação da tradicional dicotomia que atravessava a produção regionalista naturalista, entre litoral e interior. O homem do interior deixa de ser visto como um ser exótico, pitoresco, que não se encaixava nos padrões emanados das cidades, e passa a ser abordado na sua constituição sociológica e psicológica, denotando o seu pertencimento a um todo social e não mais um ser estranho, apartado da realidade da civilização. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 111)

Um exemplo interessante que ilustra bem este pensamento encontra-se no segundo capítulo de *Vidas Secas*, denominado “Fabiano”, no qual o narrador expõe alguns pensamentos da personagem, das concepções introspectivas de um homem calado e pouco comunicativo, quando este em vão procura uma raposa no cercado. No trecho que leremos abaixo podemos perceber uma análise sociológica crua e ao mesmo tempo profundamente humanizada que Graciliano faz de Fabiano considerando as relações do homem e do meio em que este vive:

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado a camarinha escura, pareciam ratos - e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravato as unhas sujas. Tirou do aio um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e

os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulh. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

(Vidas Secas, 1998, p. 17-18)

Nesse viés, é bom frisar que o discurso literário traz à tona a perspectiva da seca e da identidade do homem do Nordeste através do fato narrado e da posição da própria personagem. Ou seja, o discurso da narrativa não se atém apenas ao teor descritivo do lugar, mas também através da situação narrada, colocando-se como fonte elucidativa e esclarecedora dos fatos vivenciados. Segundo Nóbrega (IN SILVA 2004) “quando se pensa nas personagens, pensa-se na vida que vivem, nos problemas que se enredam, na linha do seu destino, traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente” (p. 92).

Na verdade, a questão da denúncia social que existe em Vidas Secas está presente na maioria dos romances produzidos no período que abarca a década de 30 do século XX, sobretudo as obras que usam o Nordeste como pano de fundo para ilustrar as situações vivenciadas por personagens reais esquecidos pelo sistema e entregues à mazela da miséria e da desigualdade social numa região agreste e esquecida. O romance de 30, também chamado de romance neorrealista¹ por alguns teóricos vem exatamente trazer à tona a realidade brasileira crua, sob um viés, que apesar de marxista, se apresenta de forma menos universalista e mais regional.

Nesse sentido, é impossível pensar na situação das personagens sem atentar para as marcas do ambiente sócio-cultural que se fazem presentes. Como já mencionado neste trabalho, o contexto é parte fundamental para um entendimento plausível do texto literário. Assim pode-se pensar no romance de trinta e em especial no livro Vidas Secas como uma tese sociológica acerca da nordestinidade e das relações de sobrevivência que se estabelecem com os viventes que povoam o contexto histórico de um sertão áspero e impiedoso. Albuquerque Júnior (2006) tece algumas considerações a esse respeito, tomando como exemplo literário a obra de Graciliano Ramos:

¹ Entenda-se por neorrealismo a corrente artística de meados do século XX, com um carácter ideológico marcadamente de esquerda / marxista, a qual teve ramificações em várias formas de arte (literatura, pintura, música). No caso específico da literatura brasileira, as obras marcadamente neorrealistas fazem parte do ciclo de romances regionais publicados nos anos 30, a exemplo de A bagaceira, de José Américo de Almeida, O quinze, de Rachel de Queiroz, Menino de engenho, de José Lins do Rego, Vidas Secas, de Graciliano Ramos etc, obras que entre outros aspectos retratavam o quadro da seca, a crise dos engenhos canavieiros do Nordeste, a fome e miséria por que a população da região passava no período histórico..

A crítica literária passa a explicar até mesmo o estilo dos autores nordestinos, a partir das imagens ligadas a este espaço. Os autores são áridos, secos, pontiagudos, lembram o deserto, o cacto. A identidade do autor é estabelecida com base na relação dele e de suas obras com o espaço que quer representar, embora alguns, como Graciliano Ramos, procurem realmente afirmar no próprio estilo, na textura da linguagem, na sua forma de expressão, a imagem da região que constrói. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 108)

Nesse horizonte de percepção, Athayde (IN RAMOS 1976), por sua vez, faz alusão ao estilo artístico de Graciliano, enfatizando a simplicidade e a concretude do seu discurso nas entrelinhas do texto literário. Percebendo um paralelo na expressão estética de Graciliano Ramos com as suas intenções político sociais no ato de recriação lírica da realidade, Athayde define-o como um escritor “eminente substantivo (...) que jamais perdeu a sua extrema decantação verbal na sua forma concreta de expressão” (p. 190). Ainda definindo Graciliano quanto aos seus traços estilísticos, Athayde (IN RAMOS, 1976: 193) apoia-se no pensamento do famoso poeta e crítico Charles Baudelaire, que recomendava “que o poeta escrevesse friamente sobre coisas ardentes”, vertente literária da qual Graciliano Ramos se constitui como um autêntico representante na produção literária brasileira denominada de romance de trinta, conforme podemos perceber nas próprias palavras de Athayde (op. cit.): “Como Wodsworth ligava poesia à relembração das emoções na tranquilidade do momento criador. Graciliano estava nessa linha”

“Baleia”, talvez o mais comovente capítulo da narrativa é um bom exemplo da perspectiva literária supracitada. É largamente conhecida a história da carta que Graciliano escreveu, em 1944, ou seja, poucos anos após a publicação original do romance, a João Condé, para uma coluna que o mesmo mantinha na revista O Cruzeiro, explicando a construção do livro *Vidas Secas*, e mencionando os motivos pelo qual o capítulo *Baleia* fora escrito. A carta encontra-se na coletânea *Linhas Tortas*, da qual retiramos um trecho:

"(...) no começo de 1937 utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinhá Vitória, meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos. (...) (Linhas Tortas, 1970, p.76)

No ensaio “Ficção e confissão”, Cândido (1992), tecendo algumas considerações críticas acerca do romance *Vidas Secas*, atenta para a perspectiva da recíproca existente entre o autor a sua obra, especialmente no nível das personagens e afirma que “a alma dos personagens, perquirida com amor e sugerida com desatívo, é apenas a câmara lenta do mesmo brilho que lhe vai nos olhos” (p. 53). Sempre enfatizando os vários vieses do romance na esfera das personagens e do meio, Cândido (op. cit.) engloba-os

numa relação mútua, como invólucros que se fundem e por vezes se confundem, se entrelaçam dentro da semântica lírico-dramática da obra: “Ora, o drama de Vidas Secas é justamente esse, o entrosamento da dor humana com a tortura da paisagem”. Seguindo nesse mesmo horizonte de pensamento, Andrade (2001) quando detém sua análise no capítulo “O mundo coberto de penas” (penúltimo da obra) percebe nitidamente o teor eminentemente poético que constitui este capítulo e confirma a intensidade lírica da obra, trazendo para tanto, o pensamento do crítico Anatol Rosenfeld (In ANDRADE, 2001) à discussão: “parece justificado caracterizar Graciliano Ramos como o poeta da seca” (p. 235).

Pode-se afirmar, em suma, que o romance *Vidas Secas* propõe ao leitor inúmeras reflexões e discussões acerca da nordestinidade, das causas, relações e consequências do fenômeno da seca, constituindo-se um ensaio sociológico revestido numa linguagem intensamente poetizada sobre o ser humano e sobre a vida.

A extrema simplicidade no apuro das palavras, o olhar humano, compreensivo e sensível do autor para com as personagens são, dentre outros elementos, alguns dos aspectos que compõem a dimensão lírica da obra. *Vidas Secas* constitui uma fonte permanente e inesgotável de lirismo e poesia. Pode-se afirmar que esta é uma obra que traz uma denúncia forte e implacável da situação vivenciada pelos retirantes nordestinos sem cair no lugar comum e que mesmo construída em terceira pessoa traz revela-se uma narrativa intensamente subjetiva e lírica, trazendo à tona uma temática tão dura e ao mesmo tempo tão poética quanto o próprio título do romance.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3ª ed. – Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ANDRADE, Janilto. **Da beleza à poética**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

ATHAYDE, Tristão de. Os ramos de Graciliano. In: RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas**. 6ª ed. Rio-São Paulo: Record, Martins, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. **Ficção e confissão** – ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo, Editora 34, 1992.

JOBIM, J.L. Literatura e história. In: NITRINI, S. (Org.). **Literaturas, artes, saberes**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: ABRALIC, 2008.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 83ª ed. Rio-São Paulo: Record, 1998.

LUKÁCS, George. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. – São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. Literatura e História: um diálogo possível. IN: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Literatura e estudos culturais**. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 83ª ed. Rio-São Paulo: Record, 1998.

_____ **Linhas Tortas**. São Paulo, Martins, 1970